

Aversão mundial ao risco contagia Brasil pré-eleição

ECONOMIA - BRASIL

Maria Luiza Abbott
De Londres

Dúvidas sobre a retomada da economia americana, queda nas principais bolsas mundiais e decepção com resultados das empresas no mundo estão aumentando a aversão ao risco. No Brasil, piora nas perspectivas para atividade econômica, para inflação e para o setor externo. As pesquisas mostram que há chances de o governo Fernando Henrique ser substituído pelo candidato do Partido dos Trabalhadores, Luiz Inácio Lula da Silva. Nada indica que a cotação dos papéis da dívida brasileira vai crescer a curto prazo e ninguém quer perder dinheiro. Juntando tudo isso, o mercado fica vendedor, cai a cotação dos títulos e aumenta o risco país.

"Os mercados estavam positivos com o Brasil há um mês, mas houve uma série de notícias e a disposição mudou. São os altos e baixos que já se viu tantas vezes, por motivos diferentes. Não é só a subida do candidato do PT nas pesquisas", avalia o diretor sênior da Fitch, Richard Fox.

Ontem, foi a vez do ABN Amro mudar a suas recomendações para os investidores papéis. O banco mudou de "overweight" — mantinha uma carteira com um volume superior à média do mercado — para neutras, as recomendações a seus clientes. "Isso quer dizer que os papéis não vão subir pelo menos a curto prazo", explica o diretor para mercados emergentes do

ABN, Arturo Porzecanski. Em novembro, antecipando novidades positivas para o Brasil e possibilidades de ganhos para os investidores, o ABN Amro tinha adotado o "overweight".

A visão da matriz holandesa não foi compartilhada pela direção do ABN Amro no Brasil. O presidente local, Fábio C. Barbosa, assinou nota segundo a qual "esses relatórios são rotineiros e os analistas têm independência para fazerem suas recomendações". "Nós acreditamos no Brasil e aqui temos feito investimentos importantes, que hoje fazem da Operação Brasil o terceiro pilar de sustentação de nossa operação mundial, juntamente com a Holanda e os EUA", escreve Barbosa.

"Em abril, o tom das notícias em relação ao Brasil foi ruim. Atividade econômica, inflação, balança comercial, desempenho fiscal, perspectiva de baixa de juros. Tudo ficou pior. O assunto Lula tem que ser colocado nesse contexto", rebate Porzecanski, lembrando que o cenário externo também não ajuda.

Os preços do barril de petróleo, na faixa dos US\$ 26, tornam os papéis de países produtores mais atraentes, porque têm maiores chances de renderem mais. "Conheço muito investidor que está preferindo comprar Rússia, México, Venezuela, Nigéria", acrescenta.

O petróleo em alta também piora as perspectivas internas para a economia brasileira. "Pres-

siona a inflação, diminuem as chances de o Banco Central baixar juros e o crescimento pode ficar abaixo do que estamos projetando", diz um analista de outro banco europeu. O cenário externo piora a sensação de insegurança. "A economia americana está com juros de 1,75% há seis meses, os mais baixos dos últimos 30 anos, e não reage. Começa a reavaliação de tudo o que acontece e as vulnerabilidades aparecem mais", avalia Wilber Colmerauer, diretor da corretora Liabilities Solutions.

Nesse quadro de inseguranças, a ascensão de Lula e a aparente imobilidade do candidato do governo, José Serra, nas pesquisas abalam o mercado. Em parte, porque é grande o desconhecimento. Segundo o diretor de outra corretora, as demissões no mercado financeiro no último ano reduziram os departamentos de países emergentes. Há exceções, é claro, mas em muitas instituições, os que ficaram estão sobrecarregados ou entraram novos analistas que desconhecem a realidade do Brasil e da política do país.

A pergunta sobre o que exatamente o mercado teme, caso Lula seja eleito, recebe a mesma resposta: o candidato do PT vai aumentar os gastos públicos. As limitações da Lei de Responsabilidade Fiscal são desconhecidas da maioria. "Sabemos que o governo do PT teria que fazer alianças e não haveria espaço para grandes

danos na área fiscal, por exemplo, mas predomina a incerteza e isso provoca o medo e a reação negativa", diz um analista de um banco europeu.

Praticamente ninguém sabe que o PT governa estados com bom histórico fiscal. "Lula pode não ser a ameaça para a estabilidade da economia brasileira que o mercado acha que é, mas essa é a percepção e pode demorar para que isso mude", observa Peter West, economista chefe para América Latina do BBVA Securities.

West acha que há um exagero na reação do mercado e mantém a recomendação de "overweight" para os papéis do Brasil. Ele e outro analista de um banco de investimento que também não mudou a percepção para os papéis do Brasil, acham que ainda é cedo para saber quem vai ganhar as eleições. Mas, por enquanto, predomina o medo de que não haja continuidade.

Para evitar turbulências, os candidatos deveriam dizer exatamente o que pretendem e, segundo Porzecanski, assumir compromissos básicos, entre eles: manter a estabilidade, o superávit primário para estabilizar a dívida, inflação a menor possível.

Nesse meio tempo, segundo outro analista, pode haver também muitos boatos para assegurar lucros. De acordo com esse analista que é um experiente observador, o mercado de emergentes vem se estreitando e pode não ser difícil a sua manipulação.